

Revista
Letras

Revista Letras

Nº 95 - Jan/Jun 2017

Publicação semestral do Curso de Letras da UFPR

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/letras>

A Revista Letras está indexada nos seguintes índices bibliográficos: 1. *Internationale Bibliographie der Rezensionen Wissenschaftlicher Literatur/International Bibliography of Book Reviews of Scholarly Literature*; 2. *Linguistics and Language Behavior Abstracts*; 3. *MLA – International Bibliography of Books and Articles on Modern Languages and Literatures*; 4. *Social Planning, Policy and Development Abstracts*; 5. *Sociological Abstracts*; 6. *Ulrich's International Periodicals Directory*; 7. *CLASE – Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades*.

Editor: Alexandre Nodari

Secretaria Editorial: Rodrigo Otávio Lunardon

Editora da Seção de Estudos Linguísticos: Patrícia de Araujo Rodrigues

Editores da Seção de Estudos Literários: Mauricio Mendonça Cardozo e

Guilherme Gontijo Flores

Diagramação: Adriano Perissutti

Projeto Gráfico: Yuri Kulisky

Revisão de Textos (em português): Lucas Haas Cordeiro e Guilherme Bernardes

Organizadores do n. 95

“Tempo e tradução”

Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR) e Viviane Veras (UNICAMP)

Conselho Editorial

Antonio Dimas (USP), Beatriz Gabbiani (Universidad de la República do Uruguai), Carlos Alberto Faraco (UFPR), Carlos Costa Assunção (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro), Elena Godoi (UFPR), Filomena Yoshie Hirata (USP), Gilda Santos (UFRJ), José Borges Neto (UFPR), Júlio Cesar Valladão Diniz (PUC-RJ), Lígia Negri (UFPR), Lúcia Sá (Manchester University), Lucia Sgobaro Zanette (UFPR), Maria Lucia de Barros Camargo (UFSC), Marília dos Santos Lima (UNISINOS), Mauri Furlan (UFSC), Mauricio Mendonça Cardozo (UFPR), Raquel Salek Fiad (UNICAMP), Rodolfo A. Franconi (Dartmouth College), Rodolfo Ilari (UNICAMP)

Conselho Consultivo

Adalberto Müller (UFF), Álvaro Faleiros (USP), Brunno Vinicius Gonçalves Vieira (UNESP-Araraquara), Fernando Cabral Martins (Universidade Nova de Lisboa), Helena Martins (PUC-Rio), Irene Aron (USP), Isabella Tardin Cardoso (UNICAMP), Juliana Perez (USP), Luciana Villas Boas (UFRJ), Márcia Martins (PUC-Rio), Maria Irma Hadler Coudry (UNICAMP), Matthew Leigh (University of Oxford), Patrick Farrell (University of California/Davis)

SUMÁRIO

- 3 APRESENTAÇÃO: TEMPO E TRADUÇÃO
Mauricio Mendonça Cardozo e Viviane Veras
- 9 POESIA NO CONTRATEMPO: SAMUEL BECKETT
Marcos Siscar
- 24 CONTRATEMPOS DE INFÂNCIA E MORTE
Rosana Kohl Bines
- 35 ENVELHECIMENTO E ESQUECIMENTO, CONTRATEMPOS DA TRADUÇÃO (COM
WALTER BENJAMIN E MARCEL PROUST)
Marcelo Jacques de Moraes
- 46 DA MORTE, DA VIDA E DOS TEMPOS DE MORTE E DE VIDA DA TRADUÇÃO
Mauricio Mendonça Cardozo
- 60 MARGUERITE DURAS, *LOL V. STEIN*: ESCRITA E TRADUÇÃO EM ANDAMENTO
Viviane Veras
- 73 TEMPOS E LÍNGUAS EM TRÂNSITO NA ESCRITA DE VIRGINIA WOOLF
Helena Franco Martins
- 84 O TEMPO E O (E)VENTO: EFEITOS DO TEMPO E DO VENTO DAS MUDANÇAS EM
TRADUÇÕES DE AUTOBIOGRAFIAS DE ESCRITORES AFRO-AMERICANOS
Lauro Maia Amorim
- 109 A ESCRITURA ANACRÔNICA DE CLARICE LISPECTOR: TAREFA DE
TRADUZIBILIDADE
Davi Pessoa Carneiro Barbosa
- 123 O TEMPO E O ESPAÇO DA TRADUÇÃO
Evando Nascimento
- 143 OS TEMPOS DE MALLARMÉ NAS ANTOLOGIAS BRASILEIRAS DE POESIA TRADUZIDA
Álvaro Faleiros
- 164 HISTÓRIA DE VIDA COMO HISTÓRIA DO MUNDO – WALTER BENJAMIN REESCREVE
A CRÔNICA DA RUA DOS PARDAIS, DE WILHELM RAABE
Detlev Schöttker
- 182 A TRADUÇÃO INFINITA
Raúl Antelo
- 203 ACIDENTE / ACIDENTE DE TRÂNSITO – DE ARISTÓTELES À TAC
Barbara Cassin

Apresentação: Tempo e tradução

*Mauricio Mendonça Cardozo e Viviane Veras**

Falar de tempo e tradução é falar das coisas mais diversas. É falar das especificidades temporais e aspectuais de línguas diferentes e das implicações dessas diferenças na construção do(s) tempo(s) narrativo(s) de determinada tradução, mas é também falar do tempo e da vida empenhada na realização de determinado encargo tradutório. É falar da prática da tradução e do pensamento tradutório nas épocas mais distintas, mas também de suas transformações ao longo dos tempos. Falar de tempo e tradução é falar da tradução feita inexoravelmente em seu tempo, mas também do(s) tempo(s) que cada tradução não é capaz de deixar de reinventar. É falar dos tempos *da* tradução, dos tempos *na* tradução, do tempo *em* tradução e de um tempo *de* tradução.

Especialmente no campo da tradução literária, são emblemáticas da relação entre tempo e tradução discussões que naturalizam certa efemeridade e datação do texto traduzido, em oposição a uma suposta perenidade do original, mas há também aquelas que reconhecem na tradução uma forma de rejuvenescimento das obras traduzidas e de desdobramento da vida de um original. Há discussões centradas nas relações temporais de determinados modos de traduzir e em suas implicações na recepção do texto traduzido. Há discussões em torno da contemporaneidade e da extemporaneidade de determinadas traduções, assim como sobre seu impacto no processo histórico de construção e formação da imagem de uma obra, de um padrão estético, de um cânone, de uma literatura. E

várias dessas discussões, não raro, organizam-se, mais ou menos explicitamente, em torno de uma questão cada vez mais candente na área dos Estudos da Tradução: a do(s) tempo(s) da retradução.

Nas últimas décadas, a partir do forte processo de institucionalização do campo dos Estudos da Tradução e da crescente profissionalização da atividade de tradutor, tornou-se cada vez mais imperativo, num horizonte de interesses que cobre todo o campo das Humanidades, discutir a questão do *lugar* da tradução, do *lugar* do tradutor, assim como a questão da tradução como disseminadora e fundadora de *lugares* – políticos, linguísticos, culturais, ideológicos. Nesse movimento, no entanto, diferentes vertentes do pensamento tradutório tradicional e contemporâneo passam mais decisivamente pelo *como*, *onde*, *de onde* e *para onde*, do que pelo *quando* da tradução, mesmo quando se trata de discutir centralmente a questão do tempo. Se essa tendência espacializadora se mostra tão presente na discussão da tradução – como em tantos outros âmbitos de discussão da condição humana –, eis aí mais uma razão para problematizarmos sua dimensão temporal.

Nessa perspectiva, não se trata obviamente de minimizar o significado do que a prática tradutória tenha de espacial – dimensão que se evidencia de modo dominante nas mais variadas formas de figuração da tradução, exemplarmente em certas imagens-conceito que, num esforço metonímico, tomam, pelo caráter dinâmico de seu movimento (temporal, aliás: espaciotemporal), o lugar desse movimento (espacial), como no caso das figuras da ponte, do entre-lugar, do lugar da passagem, etc. Trata-se, antes, de reinscrever a questão do tempo em nossas reflexões sobre a tradução, que, não raro, não apenas se constroem a partir de figuras fortemente espacializantes, como também deixam de problematizar mais centralmente o tempo enquanto questão da tradução. Em outras palavras, trata-se, aqui, de repensar a tradução como uma expressão do tempo, mas também de pensar o tempo como uma das dimensões relacionais da tradução: o tempo como relação.

Diante disso, vale lembrar que o tempo é também uma questão fundamental para a discussão da alteridade na tradução. Na percepção que temos de nós mesmos e dos outros, operamos com certa projeção de continuidade (do eu como um eu, do outro como um outro), da qual nos valem para o reconhecimento de um estatuto mínimo de identidade – valor imprescindível para o estabelecimento de uma economia relacional. Mas essas construções de identidade (do eu, do outro) não têm lugar necessariamente de modo homogêneo e contínuo, manifestando-se, antes, como um movimento descontínuo e incessante de reiteração, a cada novo instante, de um valor de si ou do outro. É dessa condição que parece nos lembrar um pensador como Jacques Derrida, reverberando Emmanuel Lévinas, ao afirmar que não podemos simplesmente pressupor a contemporaneidade entre um eu e um outro, uma vez que sequer podemos fazê-lo quanto à contemporaneidade do que circunscrevemos como

o eu e o eu-mesmo. Assim, para um eu, o outro é sempre intempestivo, surge sempre noutra tempo, fora de nosso tempo, de modo surpreendente: como uma forma de futuro, dirá Lévinas; ou ainda – para retomar aqui um termo, cuja polissemia Derrida também soube explorar e que é retomado, em diferentes sentidos, por alguns dos ensaios deste número –, como contratempo.

Para o tipo de relação que tem lugar na tradução, a extemporaneidade do eu (tradutor) e do outro (autor, leitor) é uma evidência empírica, já que a tradução é sempre aquela que chega depois; já que se dirá, de um texto traduzido, que ele é tradução, e não um original, justamente por ele vir depois, a contratempo. Poderíamos mesmo dizer que a tradução se funda paradigmaticamente numa extemporaneidade do eu e do outro da relação. Ou seja, a tradução pode produzir (e se produzir como) um efeito de contemporaneidade (de um texto traduzido que se apresenta fazendo as vezes de um original), mas se inscreve necessariamente numa condição de extemporaneidade (toda tradução é extemporânea à obra que toma por origem) – como, de resto – embora nem sempre de modo igualmente explícito –, toda forma de escrita.

Os textos desta edição da Revista Letras retomam e desdobram, cada qual a seu modo, algumas dessas questões.

Para Marcos Siscar, a obra de Beckett se faz na experiência da “tradução”, na relação com os contratempos dessa passagem sempre ímpar. É nas línguas em relação, no *revezamento* literário entre elas, que o autor descobre em Beckett o traduzir-se *em* poeta, a experiência da “poesia” e a da “tradução” como nomes do acesso ao sentido, movimentos expostos a um contratempo, um *odd time*.

Lendo a obra do escritor nigeriano Chris Abani, Rosana Kohl Bines descobre no tradutor e na criança que se esconde formas de camuflagem, de ser e deixar de ser, de vida e morte, de operações tradutórias que mantêm o tempo em suspensão. No percurso de leitura da novela *Song for Night*, o leitor-tradutor encontra-se entre a língua africana silenciada no menino-soldado sem cordas-vocais, a língua que ele e outros meninos gesticulam, e a língua inglesa imposta pela colonização. Esse jogo tradutório trava o acesso e exige uma travessia em contratempos.

Marcelo Jacques de Moraes, retornando ao Benjamin leitor de Proust, reflete sobre as relações entre literatura e tradução como “conexões de vida” e sobre o envelhecimento e o esquecimento como contratempos críticos inseparáveis do original e da tradução. O autor flagra, na leitura de Benjamin, entre a memória involuntária e a obra como tradução da vida em Proust, o odor do tempo perdido, propondo uma *tradução odorante* da língua sensível farejada pelo tradutor.

Mauricio Mendonça Cardozo, interpelando Benjamin e Berman, propõe, para além do que a tradução representa para os tempos da obra original – alimentando-a em sua pervivência –, um transformar das velhas formas de traduzir; propõe a tradução, ela mesma, inscrita no tempo e constituindo, assim, também ela, uma forma própria de vida, embora carente de escuta. A passagem

pela poesia traduzida de Paul Celan permite que se leia na morte como na vida, em sua singularidade, o que *floresce sem igual* no tempo que cada tradução prova ser o seu.

Viviane Veras pensa o que se traduz como uma forma de pôr-se à escuta do que arrebatada e já se articula como o que resiste à tradução na escrita mesma de Marguerite Duras. Essa prática da letra exige que se vá além da compreensão, lidar com o que falha em se escrever, com o que apenas ressoa, com as palavras que faltam, fazendo-as faltar nos entretempos do traduzir.

Na leitura do ensaio “On not knowing Greek”, no interesse de Virginia Woolf pelo embate entre línguas e vidas estrangeiras, Helena Martins encontra uma entrada para as reflexões da autora sobre tradução como parte de seu projeto artístico de escrita. *Onde rir lendo Homero?* A pergunta de Woolf, mais que insistir na discussão da tradução do humor, reivindica os corpos que riem, nosso corpo e outros corpos, uma tradução como tensão entre temporalidades.

Lauro Maia Amorim pontua os impactos da passagem do tempo nas escritas autobiográficas de Richard Wright (*Black Boy*) e de Maya Angelou (*I know why the caged bird sings*) reenunciadas e reimaginadas por seus tradutores e editores. As diferentes perspectivas interpretativas revelam-se tanto no tratamento de questões de identificação racial, do politicamente correto e das escolhas linguísticas em consonância às diferenças temporais, quanto na própria forma de abordar o autobiográfico, com suas complexidades e contradições.

Davi Pessoa, pensando a questão do “ser cronista” e dos tempos de escrita em Clarice, especula sobre a relação entre escritura e tradução. O autor seleciona três crônicas que trazem a tradução como modo de refletir sobre a impessoalidade e a traduzibilidade, como experiência de uma escrita anacrônica que faz coexistirem tempos diversos, rompendo com a concepção cronológica de tempo.

Partindo de sua leitura e tradução de “Vor dem Gesetz”, de Franz Kafka, e recorrendo também a leitores como Derrida e Agamben, Evando Nascimento propõe um *pensamento tradutório* que se desenvolva a partir das dimensões de tempo e de espaço em jogo na própria narrativa de Kafka. Levantando o problema da apropriação de um texto literário, o autor sublinha a inacessibilidade da lei, o fato de *diante da lei* encontrar-se o tradutor-leitor entre o respeito à letra e a inevitabilidade da transgressão, exigindo dele uma reinvenção dessa lei no tempo e no espaço que lhe é dado.

No espaço particular das antologias brasileiras de poesia traduzida, Álvaro Faleiros discorre sobre os diferentes tempos da recepção da obra do poeta Mallarmé no Brasil, e revela, no mesmo gesto, o forte vínculo do poeta com o tempo atual. Na organização da primeira antologia, Augusto de Campos abre espaço para novas formas de ver e ouvir Mallarmé, e antologias mais recentes articulam novas relações com o poeta, com seus tradutores e, conseqüentemente, com seus leitores.

Abrindo novos horizontes de discussão, encerram esta edição temática da Revista Letras os textos traduzidos de três convidados.

Publicado originalmente em alemão na edição especial da revista *Text + Kritik*, em 2009, o artigo de Detlev Schöttker, apresentado aqui em tradução de Flora Garcia Sette, Rodrigo Octávio Águeda Bandeira Cardoso e Susana Kampff Lages, coloca em questão o processo de escrita de um dos autores mais recorrentes nas reflexões reunidas neste número: Walter Benjamin. Lages, em breve texto preparado para esta apresentação, sintetiza assim o trabalho de Schöttker: “O presente artigo mostra de modo sutil como o fato aparentemente secundário e muitas vezes esquecido de que um autor tenha atuado ele mesmo como tradutor pode determinar o próprio modo de apropriação do acervo da tradição literária, sobretudo por parte de um escritor moderno. De fato, é graças também à experiência de traduzir a obra de Marcel Proust em colaboração com Franz Hessel que Walter Benjamin se torna cada vez mais consciente de seu método da incorporação velada da obra de escritores do passado. Trata-se certamente de uma espécie de memória interna da literatura que opera, tanto na obra das *Passagens*, quanto na *Crônica Berlinense* e na *Infância em Berlim por volta de 1900*, com a apropriação benjaminiana de elementos, entre outros, da obra de Wilhelm Raabe, *A Crônica da Rua dos Pardais*, uma obra considerada por Otto Maria Carpeaux como verdadeiro idílio urbano alemão – uma evidente contradição em termos, naturalmente. Em tempos de uma pós-modernidade que se apresenta como renovada e insistentemente tardia, é urgente o exame de tais sutis mecanismos de reescrita e reelaboração literária para desvendar seu nexos com operações de caráter fundamentalmente translático”.

O ensaio de Raúl Antelo, publicado originalmente em espanhol na coletânea de ensaios *Crítica acéfala*, em 2008, e apresentado aqui em tradução de Iamni Reche Bezerra, se faz entre versões de dois textos de Borges (*Queja de todo criollo* e *Borges y yo*), em tempos que colocam a homogeneidade em questão. Enquanto o músico Mário de Andrade põe-se à escuta da estranheza do *criollo*, e busca fielmente ser-lhe conforme na tradução, fazendo-a ressoar como um modo de *repetir* o original, a versão de Clarice Lispector, afinada com a poética de Borges, faz-se outra, agrega à sua “tradução” um suplemento, tornando-a dissimétrica, incomparável.

Preparado especialmente para esta edição da Revista Letras, na esteira do projeto de tradução do *Dictionnaire des intraduisibles*, o ensaio de Barbara Cassin, escrito originalmente em francês e apresentado aqui em tradução de Viviane Veras, mostra o que, do *logos* grego, a tradução pode re-velar e incorporar tratando (d)o “acidente” da homonímia e operando no registro do equívoco. A performance tradutória, concebida então como tarefa eminentemente política, põe em cena a diversidade, fazendo valer o que se fabrica como o melhor *para*; o melhor na dependência da ocasião. Explorando a homonímia, Cassin é veemente em sua convocação: partir do múltiplo e, sem reverência, fazer vacilar, complicar, barbarizar o universal.

Esperamos que o conjunto de textos reunidos neste número temático da Revista Letras, ao explorar possíveis figurações do tempo no pensamento contemporâneo sobre a tradução, bem como suas implicações teóricas e críticas para a tradução e a literatura, em geral, e para a tradução literária, em particular, possa dar exemplo dos diversos caminhos que se abrem a partir da relação entre tempo e tradução.